

FACULDADE METROPOLITANA DO ESTADO DE SÃO PAULO

NEIDE MARIA SANTOS DE JESUS

Título

Quilombo Buri-Gameleira, Tradição e história.

RIBEIRÃO
PRETO – SP
2025

NEIDE MARIA SANTOS DE JESUS

Título

Quilombo Buri-Gameleira, Tradição e história.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado(a) à Faculdade
Metropolitana do Estado de São
Paulo como exigência parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Licenciatura em história
Orientador Larissa Prado Roitberg.

RIBEIRÃO
PRETO – SP
2025

Catálogo-na-Publicação Biblioteca METROPOLITANA

Jesus, Neide Maria Santos de

Quilombo Bury-Gameleira, tradição e história. –

Ribeirão Preto, 2025

51 f.

Orientadora: Larissa Prado Roitberg

Artigo (Graduação) – Faculdade Metropolitana do Estado
de São Paulo, Licenciatura em História, 2025

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO DE COMUNICAÇÃO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE E COMUNICADO AOS AUTORES A REFERÊNCIA DA CITAÇÃO.

Ribeirão Preto, 30\11\2025.

Dedico este trabalho aos meus ancestrais, cujos passos ecoam em minha caminhada. Que cada palavra escrita aqui honre a memória dos que vieram antes e inspire os que virão depois, mantendo viva a chama do nosso quilombo.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos meus ancestrais, cuja força e sabedoria me sustentaram em todos os momentos dessa caminhada. Ser remanescente do Quilombo Buri-Gameleira é carregar em mim a história de resistência, dignidade e amor de um povo que nunca desistiu.

Agradeço à minha família, base da minha vida, por cada palavra de incentivo e por acreditar nos meus sonhos. À comunidade Quilombola Buri-Gameleira, que me inspira diariamente e me ensina o verdadeiro significado de representatividade e coletividade.

Este trabalho é resultado não apenas de um esforço individual, mas de uma trajetória compartilhada com todos que me antecederam e lutaram para que hoje eu pudesse ocupar este espaço.

“A história do Quilombo Buri-Gameleira não se apaga, porque ela vive em cada gesto, em cada canto e em cada lembrança de quem resiste.”

Neide Maria Santos de Jesus

RESUMO

A presente pesquisa teve origem no interesse em compreender o processo de formação histórica e social do município de Pedrão-BA, com ênfase no povoado de Buri, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente de quilombo. A autora, enquanto integrante da comunidade quilombola Buri-Gameleira, desenvolveu este estudo a partir de uma perspectiva interna, buscando valorizar as experiências, memórias e práticas culturais locais.

Durante o percurso investigativo, foram identificados elementos relevantes, como o processo de reinvenção cultural decorrente das demandas associadas ao reconhecimento oficial, a emergência de lideranças femininas e as tensões em torno de símbolos e práticas culturais relacionadas à identidade negra. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo principal refletir sobre tais aspectos, articulando-os aos conceitos de identidade, narrativa e cultura popular, a fim de compreender as dinâmicas socioculturais que configuram a trajetória e a resistência do Quilombo Buri-Gameleira.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Quilombo. Reinvenção.

ABSTRACT

This study originated from an interest in understanding the historical and social formation of the municipality of Pedrão-BA, with a particular focus on the village of Buri, recently recognized by the Fundação Cultural Palmares as a remnant quilombo community. The author, as a member of the Buri-Gameleira quilombo community, conducted this research from an insider perspective, aiming to highlight and value local experiences, memories, and cultural practices.

During the investigation, key aspects were identified, including the process of cultural reinvention prompted by the official recognition, the emergence of female leadership, and tensions surrounding symbols and cultural practices associated with Black identity.

Accordingly, the primary objective of this study is to reflect on these elements, linking them to the concepts of identity, narrative, and popular culture, in order to understand the sociocultural dynamics that shape the trajectory and resilience of the Buri-Gameleira Quilombo.

Keywords: Culture; Identity; Quilombo; Reinvention.

Sumário

Introdução	9
1.Buri,a história que atravessa gerações.....	11
2 .O trabalho coletivo e a produção de farinha como expressão da identidade quilombola.....	13
3. As lideranças femininas e o papel das mulheres na preservação das tradições do Buri-Gameleira.	14
4.Espaços de Resistência e Preservação da Memória no Quilombo Buri-Gameleira	16
5. Manifestações Culturais e Resistências Simbólicas no Quilombo Buri-Gameleira	17
6. A Fonte Natural que Abastece o Quilombo Buri-Gameleira	19
7.Referencial teórico.....	20
7.Análise de dados	23
8.Considerações Finais	25
Referências	27

INTRODUÇÃO

Em meio à vastidão da diversidade cultural brasileira, as comunidades quilombolas representam muito mais do que resquícios do passado: são espaços vivos de resistência, memória e identidade. Este trabalho nasce do encontro com uma dessas comunidades quilombolas, onde histórias, saberes e modos de vida continuam a florescer apesar das adversidades históricas e sociais que marcaram e ainda marcam o povo negro no Brasil.

As comunidades quilombolas representam uma das formas mais significativas de resistência negra no Brasil, resultantes da fuga de africanos escravizados e da formação de territórios livres. Estas comunidades não apenas resistiram fisicamente à escravidão, mas desenvolveram modos de vida próprios, baseados na solidariedade, no respeito à natureza e na preservação cultural. O presente artigo busca compreender a realidade da comunidade quilombola, enfocando sua história, cultura, organização social e desafios contemporâneos.

Ao longo do desenvolvimento deste projeto, buscou-se mais do que compreender dados ou estatísticas; foi preciso ouvir, estar presente, respeitar os silêncios e aprender com as falas. Cada conversa, cada gesto cotidiano observado revelou a profundidade de uma cultura que insiste em se manter viva, mesmo diante das pressões impostas pela invisibilidade social e pela luta por direitos básicos, como terra, saúde e educação.

Este trabalho tem como objetivo principal entender as particularidades da comunidade Quilombola Bury-Gameleira especificamente, analisando os seus processos de identidade, cultura e resistência. Explorado o impacto das políticas públicas ou a falta delas no cotidiano dessa população, assim como as estratégias de organização comunitária que buscam garantir direitos e preservar tradições. A pesquisa também se debruça sobre os desafios atuais enfrentados pela comunidade e como a luta pela titulação das terras, o acesso à educação e aos serviços de saúde, e a preservação do patrimônio cultural.

Esta pesquisa nasce do interesse em compreender a trajetória histórica e cultural da comunidade de Buri, localizada no município de Pedrão, Bahia. O estudo centra-se em seus aspectos étnico-raciais e nas expressões culturais que revelam a presença viva de heranças africanas, as quais fundamentaram o reconhecimento do território pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente de quilombo.

Além de sua relevância identitária, o território de Buri conserva importantes marcas materiais do passado, como as ruínas de antigos engenhos de cana-de-açúcar situadas nas atuais fazendas América, Escola e Iaçú. Nesta última, destaca-se uma lagoa cercada por narrativas orais e memórias coletivas, segundo as quais pessoas negras escravizadas, conhecidas como “fujonas”, teriam sido lançadas em suas águas. Essas histórias, transmitidas de geração em geração, compõem o imaginário social da comunidade e revelam a profundidade simbólica do território como espaço de resistência e memória.

A análise desses elementos — ruínas, tradições, lendas e práticas culturais — permite compreender o Buri-Gameleira como um território de memória, identidade e luta. Reconhecer e valorizar essas dimensões é essencial não apenas para fortalecer o sentimento de pertencimento comunitário, mas também para ampliar o entendimento sobre o papel das comunidades quilombolas na preservação da história e da cultura afro-brasileira.

Antes de adentrar a discussão sobre o Quilombo Buri-Gameleira, é necessário compreender o significado histórico, simbólico e político do termo *quilombo*. A palavra tem origem no idioma africano quimbundo e, segundo Clóvis Moura (2006), designava agrupamentos de jovens guerreiros provenientes de diferentes etnias africanas que haviam sido deslocadas de seus territórios originais. Desde suas raízes linguísticas, o termo expressa a ideia de coletividade, mobilidade e resistência, e não apenas de fuga, como foi tradicionalmente interpretado pela historiografia eurocêntrica.

Para Décio Freitas (1991), *quilombo* é uma adaptação do vocábulo banto *mutambo*, que pode ser traduzido como “cumeira da casa”, ou seja, o ponto que sustenta e estrutura a habitação — metáfora potente da solidariedade e da união coletiva. Théo Brandão (1964) por sua vez, também remete o termo às línguas banto, interpretando-o como “habitação”, reforçando o sentido de morada e convivência comunitária. Já Kabengele Munanga (2001) destaca que o conceito de *quilombo* emergiu entre diferentes povos bantos — como os lunda, ovimbundo, mbundo e kongo — e, ao longo dos séculos XVI e XVII, adquiriu caráter transétnico, abrangendo múltiplas experiências de resistência e reconstrução cultural entre os povos do Zaire e de Angola.

Em solo brasileiro, como observa João José Reis (1996), o *quilombo* se transformou em um símbolo da luta contra o sistema escravista e da busca pela liberdade, articulando-se como espaço de autonomia, religiosidade e preservação dos saberes africanos. Para Maria de Lourdes Siqueira (2013), essas comunidades representam “territórios de memória e ancestralidade”, onde a história é transmitida por meio da oralidade e das práticas coletivas. Assim, o *quilombo* ultrapassa a ideia de esconderijo e se afirma como expressão viva de resistência cultural e afirmação identitária (SILVA, 1998).

Nesse contexto, o Quilombo Buri-Gameleira, situado no município de Pedrão, Bahia, insere-se como parte dessa ampla rede de memórias e lutas. O reconhecimento da comunidade pela Fundação Cultural Palmares não apenas legitima sua condição de remanescente quilombola, mas reafirma sua importância como guardião de tradições, histórias e valores afro-brasileiros. Segundo Almeida (2011), o reconhecimento jurídico de comunidades quilombolas representa também a validação simbólica de uma história muitas vezes silenciada, marcada pela resistência cotidiana e pela reconstrução de laços comunitários.

Os vestígios materiais existentes na região como as ruínas de antigos engenhos de cana-de-açúcar nas fazendas América, Escola e laçu constituem evidências concretas de um passado de exploração, mas também de resistência. Como destaca Moura (1994), “onde houve senzalas, houve

também resistência”, e cada vestígio material é um testemunho das estratégias de sobrevivência dos sujeitos escravizados. No imaginário local, narrativas orais se mantêm vivas, como a da lagoa da fazenda laçu, associada à memória de pessoas negras escravizadas que teriam sido lançadas em suas águas. Essas histórias, transmitidas entre gerações, revelam a força da oralidade enquanto ferramenta de preservação da identidade e da memória coletiva (HAMPATÉ BÂ, 1982).

Dessa forma, o Buri-Gameleira não se reduz a um espaço geográfico; trata-se de um território simbólico, onde o tempo histórico e o tempo da memória se entrelaçam. Conforme Paulino e Gomes (2019), as comunidades quilombolas devem ser compreendidas como “lugares de produção de sentido e de continuidade das matrizes africanas”, cuja força reside na ancestralidade e na reinvenção cotidiana.

1. Buri, a história que atravessa gerações.

Localizada a cerca de quatro quilômetros do centro urbano de Pedrão, na Bahia, a comunidade de Buri delimita-se ao norte com a Fazenda Gameleira, ao sul com a Fazenda Montanha, a leste com a Fazenda Areia Pó e, a oeste, com a sede do município. Atualmente, o território abriga aproximadamente 57 residências, uma capela, uma escola, um centro de Umbanda, três bares e quatro casas de farinha — apenas uma em atividade —, além de dois campos de futebol. A comunidade conta com abastecimento de água e energia elétrica, e sua economia baseia-se principalmente na agricultura familiar e na pecuária de subsistência. Entre as principais lavouras cultivadas estão o fumo, o feijão, o milho e a mandioca, produtos que sustentam a vida cotidiana e reforçam a tradição agrícola local.

A memória histórica do Buri é preservada, sobretudo, pelos relatos dos moradores mais antigos, como Dona Honorina de Souza, Dona Maria de Souza, Dona Josefa de Souza, Dona Isabel Lisboa, Senhor Frutuoso Belon (já falecidos), Senhor Pedro Belon (atualmente o mais velho da comunidade) e a líder comunitária e vereadora do município de Pedrão, a professora Angélica Maria, todos descendentes de Manoel Belon, figura reconhecida como o ancestral fundador da comunidade. De acordo com registros familiares, as terras foram adquiridas por Manoel Belon ainda no século XIX, mediante o pagamento de cem mil réis (100\$000) ao senhor Joaquim da Silva Cravo.

Segundo informações das lideranças locais, o sobrenome “Bellon” possui origem germânica, e remete ao patriarca Manoel Bellon, reconhecido como o fundador da comunidade e primeiro proprietário das terras herdadas por seus descendentes. Essa herança simbólica e territorial, transmitida entre gerações, pode ser compreendida, à luz de Halbwachs (1990), como uma forma de memória coletiva que estrutura a identidade e o sentimento de pertencimento do grupo.

Observa-se ainda uma mudança na grafia do nome ao longo do tempo: enquanto o patriarca utilizava a forma “Bellon”, com dois “l”, as gerações seguintes adotaram “Belon”, com apenas um. Essa variação linguística, embora sutil, traduz o processo de ressemantização cultural descrito por Hall (2003), em que os sujeitos reelaboram símbolos e signos identitários à medida que se reconstroem historicamente. Assim, a história do sobrenome Belon ultrapassa a dimensão genealógica e passa a integrar a narrativa de resistência e continuidade do povo do Buri-Gameleira.

Manoel Belon era casado com Maria da Conceição Belon, mulher negra que havia sido escravizada e trabalhava na antiga Fazenda Buri. Há indícios de que Manoel também tenha vivido em condição de cativo, possivelmente sob a tutela de um professor. Um registro datado de 1912, lavrado pelo escrivão Manoel Serapião da Silva, confirma que o casal teve diversos filhos, embora sem número exato, e que parte das terras foi posteriormente herdada por um deles.

Segundo Souza (2015), existem relatos de que Manoel Belon teria adquirido as terras e duas casas na atual sede de Pedrão com o valor obtido por sua alforria. Essa informação, no entanto, suscita questionamentos, visto que, no período escravista, a liberdade era geralmente conquistada mediante o pagamento feito pelo próprio escravizado, e não o contrário. Ainda assim, é importante considerar que as relações entre senhores e escravizados eram complexas e nem sempre regidas por regras rígidas. A existência de negociações e acordos informais pode ter possibilitado situações excepcionais, revelando a dimensão humana e política das estratégias de sobrevivência e resistência adotadas pelos afrodescendentes daquela época.

A figura de Manoel Belon ocupa um lugar central na memória coletiva da comunidade do Buri-Gameleira. Mais do que um antepassado biológico, ele representa um símbolo de resistência, coragem e reconstrução identitária. Sua trajetória, marcada pela conquista das terras e pela formação das primeiras famílias do território, é constantemente lembrada pelos moradores como exemplo de determinação e de vínculo com as origens africanas. A memória sobre Belon, transmitida principalmente por meio da oralidade, constitui um verdadeiro mito fundador, um ponto de referência para a história e a autoidentificação quilombola.

Nos relatos dos mais velhos, Manoel Belon aparece como aquele que, com trabalho e persistência, transformou um espaço de opressão em território de liberdade. Sua história ultrapassa o domínio do registro documental e ganha força no campo simbólico, sendo narrada em rodas de conversa, festas religiosas, mutirões e encontros comunitários. Essas narrativas não apenas reafirmam o pertencimento das famílias à terra, mas também fortalecem o sentimento de continuidade histórica e de resistência diante das adversidades sociais.

Como ressalta Paul Ricoeur (2007), a memória coletiva não é apenas a lembrança do passado, mas um modo de dar sentido ao presente por meio da reconstrução narrativa. No caso do Buri-Gameleira, essa reconstrução é um exercício de afirmação identitária: lembrar Manoel Belon e seus descendentes é reafirmar o direito à terra, à história e à dignidade. Assim, o mito fundador atua como um elemento pedagógico e político, transmitindo valores de solidariedade, união e ancestralidade às novas gerações.

A história de Belon também revela as contradições do período pós-escravidão, quando a liberdade formal não significava igualdade social. Ao adquirir as terras, o patriarca inscreve seu nome na história como um agente de transformação, capaz de converter a herança de um sistema opressor em base de autonomia e reconstrução comunitária. A permanência de sua memória entre os descendentes expressa, portanto, não apenas gratidão, mas também resistência: uma forma de manter viva a luta por reconhecimento e justiça histórica.

Desse modo, o mito fundador de Manoel Belon transcende a dimensão familiar e se torna um símbolo coletivo, condensando em si o processo de formação do território e da identidade quilombola de Buri-Gameleira. A narrativa sobre sua vida e suas conquistas é parte constitutiva da memória social da comunidade e continua a inspirar a preservação das tradições, a luta por direitos e o fortalecimento da cultura afrodescendente no município de Pedrão.

2.O trabalho coletivo e a produção de farinha como expressão da identidade quilombola.

A agricultura de subsistência desempenha papel fundamental na organização econômica e cultural da comunidade quilombola Buri-Gameleira, situada no município de Pedrão (BA). Baseada no trabalho familiar e na transmissão oral de saberes tradicionais, essa forma de produção tem como principais cultivos a mandioca, o milho, o feijão e o fumo, destinados majoritariamente ao consumo das próprias famílias. Parte da produção, contudo, é comercializada nas feiras locais, contribuindo para a renda e a autonomia da comunidade.

Conforme destaca Silva (1998), a agricultura de subsistência constitui uma estratégia de resistência diante das transformações impostas pelo agronegócio e pela modernização rural, preservando modos de vida próprios das populações tradicionais. Nessa perspectiva, Moura (2006) ressalta que o trabalho agrícola, nas comunidades quilombolas, ultrapassa o campo da economia e assume uma dimensão simbólica, pois expressa a memória, a solidariedade e a continuidade da luta histórica por liberdade e dignidade.

A produção de farinha de mandioca constitui-se como uma das atividades centrais da comunidade quilombola do Buri, articulando trabalho, identidade e memória coletiva. De acordo com relatos de moradores mais antigos, como Dona Margarida Belon e Senhor Pedro Belon, o cultivo da mandioca é realizado de maneira tradicional, com o preparo manual da terra, plantio em mutirão e colheita coletiva, geralmente entre os meses de junho e setembro. Essas práticas reforçam os laços comunitários e asseguram a transmissão intergeracional de saberes ancestrais sobre o manejo da roça e o beneficiamento dos produtos agrícolas.

As casas de farinha, estruturas de grande importância simbólica e produtiva, representam espaços de sociabilidade, onde o trabalho se mistura à convivência cotidiana. Nelas, homens e mulheres participam ativamente das etapas de raspagem, prensagem e torrefação, num processo que exige cooperação e ritmo coletivo. Como destaca Moura (2006), o trabalho coletivo nos quilombos historicamente expressa um modo de vida baseado na solidariedade e na reciprocidade, valores que permanecem vivos no Buri-Gameleira.

A farinha produzida é utilizada principalmente para o consumo familiar, mas parte dela também é comercializada em feiras livres da região, garantindo uma importante fonte de renda para as famílias. Essa dinâmica produtiva evidencia o que Munanga (2001) denomina de “autonomia cultural quilombola”, na qual o trabalho agrícola se integra à dimensão simbólica da resistência. Ademais, como argumenta Silva (1998), a continuidade de práticas tradicionais como o cultivo da mandioca e a fabricação artesanal da farinha representa não apenas uma estratégia de subsistência, mas também um ato de afirmação identitária frente às pressões do agronegócio e da modernização rural.

3. As lideranças femininas e o papel das mulheres na preservação das tradições do Buri-Gameleira.

Nas comunidades quilombolas, as mulheres desempenham papel central na preservação da cultura, da memória e da identidade coletiva. Seus saberes tradicionais — que englobam práticas agrícolas, rezas, partos, cuidados de saúde, educação e liderança comunitária — são transmitidos de geração em geração e constituem elementos fundamentais para a coesão social e a resistência histórica das comunidades negras (MOURA, 2006; SILVA, 1998). A atuação feminina nessas esferas garante não apenas a sobrevivência material e simbólica do grupo, mas também a continuidade das tradições culturais e espirituais que definem a identidade quilombola.

Entre as lideranças de destaque no Quilombo Buri-Gameleira, encontra-se Maria Sousa, já falecida, reconhecida como rezadeira e parteira. Segundo relatos de moradores, Maria Sousa era procurada por famílias da comunidade para conduzir partos e cuidados de saúde, combinando rezas, cantos tradicionais e o uso de plantas medicinais herdadas de seus antepassados.

africanos. Uma história frequentemente mencionada relata que ela salvou a vida de uma criança durante um parto complicado, aplicando suas técnicas ancestrais e rezas, consolidando sua autoridade e respeito dentro da comunidade (PORTELLI, 1997).

Outra liderança espiritual importante, Dona Honorina Belon, também já falecida, atuava como rezadeira e conselheira comunitária. Ela era conhecida por improvisar rezas para situações específicas, auxiliando em problemas de saúde, conflitos familiares e dificuldades na lavoura. A atuação de Honorina evidencia o papel multifuncional das mulheres quilombolas como guardiãs da tradição, mediadoras sociais e agentes de resistência simbólica (MOURA, 2006).

No âmbito religioso, Maria Alice Santos de Jesus, ialorixá, lidera o Centro de Umbanda Renascer e desempenha papel central na preservação da religiosidade de matriz africana. A prática do candomblé e da umbanda não se limita à dimensão espiritual, mas influencia diretamente a formação da identidade coletiva quilombola, fortalecendo os vínculos comunitários, os rituais de passagem e o sentimento de pertencimento. Conforme Munanga (2001), as religiões afro-brasileiras funcionam como instrumentos de resistência simbólica e reafirmação identitária, sendo essenciais na construção da memória cultural das comunidades negras.

No campo político e comunitário, Angélica Maria, vereadora e líder comunitária, tem protagonizado a articulação de políticas públicas voltadas para a preservação do território e das tradições quilombolas. Ela coordena projetos de infraestrutura, educação e assistência social, além de mediar conflitos fundiários e representar a comunidade junto a órgãos municipais e estaduais, demonstrando como o protagonismo feminino se estende à esfera política e fortalece a autonomia do quilombo (SANTOS, 2008).

Outras mulheres de grande relevância incluem Irenilce Evangelista, professora da Escola Quilombola Manoel Belon, responsável pela educação das crianças e jovens; e Renilda Belon e Maria da Natividade, líderes religiosas da Pastoral da Criança, que promovem cuidados coletivos e reforçam a solidariedade social.

A atuação dessas mulheres manifesta-se em múltiplas dimensões — espiritual, educativa, política e social — fortalecendo a coesão da comunidade e garantindo a continuidade das tradições culturais e da memória coletiva. Halbwachs (1990) destaca que a memória coletiva se estrutura por meio daqueles que detêm os saberes do grupo, e, no Buri-Gameleira, as mulheres ocupam esse papel de mediadoras da história viva, consolidando identidade, pertencimento e resistência cultural. Assim, o legado de Maria Sousa, Honorina Belon, Maria Alice Santos de Jesus e Angélica Maria evidencia que a preservação da comunidade depende não apenas do território ou dos recursos materiais, mas da ação contínua dessas lideranças femininas, que articulam cultura, religiosidade de matrizes africanas, educação e política, garantindo a transmissão de saberes, valores e identidade quilombola às novas gerações.

4. Espaços de Resistência e Preservação da Memória no Quilombo Buri-Gameleira

Nas comunidades quilombolas, as mulheres e os mais velhos exercem papel essencial na manutenção da memória, da cultura e da organização social. São eles que, por meio dos saberes transmitidos oralmente, das práticas religiosas e da convivência cotidiana, sustentam o tecido simbólico que dá sentido à vida coletiva. Como afirma Almeida (2011, p. 42), os espaços comunitários “são lugares de resistência e de recriação cultural, onde o passado é constantemente atualizado na luta pelo presente”. No Quilombo Buri-Gameleira, cada espaço físico e simbólico representa um território de memória e resistência, articulando fé, educação e ancestralidade.

Um dos principais pontos de encontro da comunidade é o galpão quilombola, localizado na casa da vereadora e líder comunitária e vereadora Professora Angélica Maria. Esse espaço funciona como um centro de mobilização política e cultural, onde são realizadas reuniões, celebrações e formações sobre os direitos quilombolas. Conforme enfatiza Gomes (2017, p. 85), “a resistência negra se manifesta também na capacidade de organização comunitária, na criação de espaços coletivos e na valorização da identidade”. Angélica Maria, através de sua liderança, tem se destacado como articuladora de políticas públicas e guardiã das tradições locais, mantendo viva a herança deixada pelos antepassados do Buri-Gameleira.

Outro espaço de profunda relevância é o Centro de Umbanda Renascer, conduzido pela ialorixá Maria Alice Santos de Jesus, símbolo da força espiritual e da resistência das religiões de matrizes africanas. O centro é um local de acolhimento e de reafirmação identitária, onde as práticas de fé se entrelaçam com o fortalecimento cultural da comunidade. Munanga (2001, p. 97) ressalta que as religiões afro-brasileiras “funcionam como verdadeiros espaços de resistência simbólica e de reconstrução da dignidade do povo negro”, pois nelas se preservam os laços com a ancestralidade e se fortalecem valores comunitários como solidariedade e respeito. No Buri, o toque dos atabaques, os cânticos e os rituais de cura realizados por Maria Alice simbolizam o elo entre o passado africano e o presente quilombola.

A dimensão espiritual também se expressa na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, cuidada com zelo por Renilda Belon e Maria da Natividade Belon, responsáveis pela Pastoral da Criança. As atividades realizadas nesse espaço – como mutirões solidários, rezas e celebrações – demonstram a convivência harmoniosa entre a religiosidade católica popular e as práticas afro-brasileiras. Segundo Prandi (2000, p. 121), o sincretismo religioso “é uma forma de resistência simbólica”, por meio da qual os afrodescendentes mantiveram suas divindades e crenças vivas, mesmo sob a repressão colonial e escravocrata. Assim, a igreja do Buri não é apenas um local de culto, mas também de solidariedade e partilha comunitária.

A Escola Quilombola Manoel Belon, anteriormente conhecida como Escola 21 de Abril, representa outro espaço de resistência e afirmação identitária. Sob a direção pedagógica da professora Irenilce Evangelista, a escola promove uma

educação voltada à valorização da cultura afro-brasileira e à história local. A mudança de nome da instituição simboliza o reconhecimento da ancestralidade do patriarca Manoel Belon, reforçando a importância da memória e da luta por pertencimento. De acordo com Gomes (2017, p. 53), “a escola quilombola é um espaço de produção de saberes próprios e de valorização das experiências comunitárias”, reafirmando que o conhecimento também é uma forma de resistência.

Outro marco simbólico do Buri-Gameleira é a antiga casa de Pedro Belon, o mais velho da comunidade e um dos principais guardiões da memória coletiva. Em sua residência, sob a varanda ou na cozinha da casa, ele costuma reunir os mais jovens para narrar histórias sobre a origem do quilombo, as lutas por reconhecimento e as tradições dos antepassados. Como observa Santos (2008, p. 61), “a oralidade é o fio condutor que preserva a história e a sabedoria ancestral, transmitindo valores e identidades entre gerações”. As histórias contadas por Pedro Belon mantêm viva a lembrança de tempos difíceis, mas também de união, fé e resistência, reafirmando o papel dos anciãos como educadores da memória.

Dessa forma, o galpão comunitário, o Centro de Umbanda Renascer, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, a Escola Quilombola Manoel Belon e a casa de Pedro Belon formam um conjunto de territórios de resistência múltipla – espiritual, educativa, política e cultural. Cada espaço abriga práticas e narrativas que reafirmam a identidade quilombola, demonstrando que a resistência do povo do Buri-Gameleira se manifesta cotidianamente, na oralidade, na fé e na educação. Como resume Munanga (2001, p. 103), “a resistência negra é, antes de tudo, uma forma de existir e de continuar sendo, apesar de tudo”.

5. Manifestações Culturais e Resistências Simbólicas no Quilombo Buri-Gameleira

As manifestações culturais no Quilombo Buri-Gameleira constituem expressões vivas da ancestralidade africana e da resistência cotidiana de seu povo. Elas traduzem, em forma de canto, dança e fé, os modos de ser e de viver de uma comunidade que preserva e reinventa suas tradições. As práticas culturais não são apenas entretenimento, mas constituem uma verdadeira pedagogia da memória, um espaço de aprendizagem coletiva e de afirmação da identidade quilombola. Como observa Nilma Lino Gomes (2017, p. 82), “as expressões culturais negras são modos de educar e de resistir, pois nelas o corpo, a música e a oralidade se tornam linguagens da liberdade”.

Entre as manifestações mais emblemáticas que ecoam até os dias atuais está o Bumba meu Boi, cuja origem remonta ao período colonial. Segundo Câmara Cascudo (1984), o Bumba meu Boi nasceu no Maranhão e no Nordeste como uma fusão de elementos africanos, indígenas e europeus, resultando numa dramatização popular que representa a vida, a morte e a ressurreição de um boi. A narrativa gira em torno do casal de negros Catirina e Pai Francisco: grávida, Catirina deseja comer a língua do boi preferido do patrão, e o marido, para satisfazê-la, mata o animal, provocando sua ira. O boi morre, mas, com a

intervenção de pajés e curandeiros, é ressuscitado, encerrando a história em festa e música.

Essa encenação, repleta de simbolismo, expressa a tensão entre opressão e liberdade, morte e renascimento — metáforas que se relacionam com a história da escravidão e da resistência negra. No Buri, o Bumba meu Boi é celebrado durante o ciclo natalino, especialmente nas festas de Santo Reis. As famílias montam seus presépios com figuras feitas de barro e palha e se reúnem para acompanhar o cortejo, ao som de tambores e violas. Os personagens se vestem com trajes coloridos e máscaras artesanais, e as crianças são as primeiras a dançar em volta do boi. Segundo relatos orais dos moradores mais velhos, a festa simboliza a fartura, a união e o agradecimento pelas colheitas, mantendo viva uma tradição que ultrapassa gerações.

O Samba de Roda Raízes do Quilombo, liderado pela vereadora e líder comunitária Professora Angélica Maria, é outro marco da cultura viva do Buri. A roda de samba, realizada em festas e celebrações religiosas, é o espaço em que o corpo e a música se tornam instrumentos de expressão e pertencimento. O ritmo dos pandeiros e atabaques, os versos improvisados e o riso coletivo fazem da roda um território de memória e sociabilidade. Gomes (2017, p. 89) destaca que “o samba é uma herança africana reelaborada nas senzalas e terreiros, e transformada em símbolo de identidade e resistência do povo negro”.

No Buri, o grupo Raízes do Quilombo, criado por Angélica Maria, reúne mulheres e jovens da comunidade para ensaios e apresentações, resgatando sambas antigos e compondo novas músicas que narram o cotidiano e as lutas quilombolas. Em suas letras, ecoam os temas da terra, da fé e da força feminina — marcas profundas da história da comunidade.

Outra expressão marcante é o Samba de Caboclo, celebrado no Centro de Umbanda Renascer, sob a liderança da ialorixá Maria Alice Santos de Jesus. Nesse espaço sagrado, o som dos atabaques e as danças ritualísticas homenageiam as entidades caboclas, espíritos de força e sabedoria que representam a fusão entre o indígena e o africano. Segundo Prandi (2000, p. 117), “o samba de caboclo é uma linguagem ritual que expressa o vínculo com a natureza e a ancestralidade espiritual, reafirmando o lugar do corpo como território sagrado”.

Durante as cerimônias, os cânticos e oferendas evocam os encantados da mata, pedindo proteção e equilíbrio para a comunidade. O Centro Renascer, mais do que um terreiro de fé, é um espaço de acolhimento e reafirmação identitária — um refúgio contra a intolerância religiosa e um guardião da herança africana na região. Munanga (2001, p. 103) recorda que “as religiões afro-brasileiras são espaços de reconstrução cultural e resistência simbólica”, e no Buri essa resistência se manifesta em cada toque de tambor e em cada cântico entoado.

Entre as tradições de matriz católica popular que se mantêm vivas está a Queima da Lapinha, celebrada todos os anos no dia de Santo Reis. Nessa data, a comunidade se reúne nas casas para queimar as palhas dos presépios, que são montados com grande esmero nas salas das famílias

durante o Natal. Os presépios, enfeitados com flores, espelhos e figuras de barro, permanecem montados até janeiro, quando são desmontados ao som de rezas, cânticos e tambor. Segundo Santos (2008, p. 64), “os rituais populares afro-católicos expressam a convivência de diferentes matrizes espirituais e a capacidade do povo negro de ressignificar a fé e o sagrado”. No Buri, a queima das palhas simboliza a renovação do ciclo da vida e a continuidade da fé. As famílias compartilham comidas típicas — como o mingau de milho e o licor caseiro — e as crianças participam da celebração, aprendendo desde cedo o valor das tradições.

6. A Fonte Natural que Abastece o Quilombo Buri-Gameleira

A fonte natural localizada no território quilombola Buri-Gameleira representa não apenas o principal recurso hídrico da comunidade, mas também um patrimônio sociocultural que atravessa gerações. A relação dos moradores com a água expressa práticas tradicionais vinculadas à memória, ao território e à ancestralidade, reafirmando o que Almeida (2002, p. 45) destaca ao afirmar que “nos quilombos, a água é mais que um recurso: é parte constitutiva da identidade coletiva e do modo de vida comunitário”.

Segundo relatos dos moradores mais antigos, a fonte sempre foi utilizada para o consumo diário, preparo de alimentos, lavagem de roupas e atividades agrícolas. Dona Maria Sousa, parteira e rezadeira já falecida, contava que “era dessa água que tirávamos força para viver; sem ela, ninguém criava filho aqui”, marcando a centralidade desse recurso na organização do cotidiano. Essa narrativa reafirma o que Diegues (2004, p. 112) descreve como “a íntima relação entre populações tradicionais e seus bens naturais, cuja gestão se dá por códigos próprios e transmitidos oralmente”.

A preservação da fonte também se articula com a dimensão territorial dos quilombos. Para Nascimento (1980, p. 73), “o território é o eixo onde se estruturam as relações de continuidade da vida coletiva quilombola”. No Buri-Gameleira, esse princípio se materializa na manutenção comunitária da nascente. Os moradores organizam mutirões para limpeza, capinação do entorno e proteção contra o assoreamento — práticas que reforçam o trabalho coletivo como forma de resistência e cuidado ambiental.

Do ponto de vista etnográfico, observa-se que a fonte funciona como espaço de encontro, troca de saberes e convivência. Mesmo após a chegada da água encanada, muitos moradores continuam buscando água diretamente da nascente para beber, alegando que “a água da fonte é mais forte, é água viva”, conforme afirmou o morador Pedro Belon em entrevista realizada em 2024. Essa percepção dialoga com Silva (1998, p. 58), para quem “os valores simbólicos atribuídos aos recursos naturais são elementos fundamentais para compreender a permanência das comunidades negras rurais”.

Além da função prática, a fonte assume relevância espiritual. Praticantes de religiões de matrizes africanas relatam que a água é utilizada em banhos de proteção, rituais de limpeza energética e oferendas, seguindo o entendimento de que “a água é um elemento sagrado que carrega ancestralidade e cura”.

(PRANDI, 2005, p. 143). A ialorixá Maria Alice Santos de Jesus, liderança religiosa da comunidade, afirma que “a fonte guarda o axé dos nossos antepassados”, reforçando a indissociabilidade entre natureza e espiritualidade na cosmovisão afro-brasileira.

Assim, a fonte natural do Quilombo Buri-Gameleira não é apenas um recurso hídrico, mas um símbolo de continuidade histórica, resistência e pertencimento. Sua presença reafirma os modos de vida quilombolas, os laços comunitários e a transmissão intergeracional de valores, práticas e memórias. Como sintetiza Nascimento (1980, p. 91), “quilombo é também permanência e cuidado com o que mantém a vida”, e no Buri-Gameleira, a água da fonte cumpre precisamente esse papel.

7. Referencial teórico

O presente estudo parte de uma perspectiva interdisciplinar, que articula os campos da antropologia, da história, da educação e dos estudos culturais afro-brasileiros, para compreender a identidade quilombola como uma construção histórica, simbólica e socialmente situada. Nesse contexto, entende-se que o quilombo é, antes de tudo, uma expressão de resistência e reconstrução cultural. Nascimento (1980) afirma que o quilombismo representa a expressão concreta da luta do povo negro pela liberdade, pela igualdade e pela preservação de seus valores civilizatórios, configurando-se como um projeto de emancipação social e de reexistência diante do racismo estrutural.

O termo “quilombo” tem origem no idioma quimbundo, da família banto, significando “sociedade formada por guerreiros ou jovens pertencentes a grupos étnicos desenraizados de suas comunidades” (MOURA, 2006). No Brasil, o conceito adquiriu novas dimensões, tornando-se símbolo de organização, solidariedade e autodefesa frente à escravidão. Décio Freitas (1991) destaca que os quilombos foram espaços plurais, formados por pessoas de diferentes origens africanas que, em solo brasileiro, reinventaram suas práticas culturais, espirituais e políticas. Munanga (2001) reforça essa ideia ao afirmar que os quilombos não podem ser compreendidos apenas como refúgios, mas como comunidades estruturadas em torno da liberdade, da coletividade e da reconstrução da dignidade humana.

A identidade quilombola, portanto, não é um dado fixo, mas uma construção em constante transformação, resultado das experiências vividas, das memórias coletivas e das relações sociais estabelecidas ao longo do tempo. Hall (2003) observa que a identidade cultural é um processo em permanente reconstrução, um posicionamento que se redefine nas relações de poder e de pertencimento. Nesse sentido, o Quilombo Buri-Gameleira expressa uma identidade construída na continuidade das práticas agrícolas, das celebrações religiosas e das manifestações culturais transmitidas entre gerações. A memória coletiva assume papel central nesse processo, pois, como afirma Benjamin (1994), “quem narra, transmite uma experiência; quem escuta, incorpora uma herança”. No Buri-Gameleira, essa herança é preservada por meio da oralidade, especialmente nas histórias contadas por Pedro Belon, o mais velho

da comunidade, que se reúne com os mais jovens para compartilhar lembranças e narrativas sobre a origem e as transformações locais.

As mulheres quilombolas desempenham papel essencial na manutenção dessas tradições, atuando como guardiãs dos saberes e da espiritualidade. Gomes (2017) ressalta que as mulheres negras são fundamentais na transmissão da ancestralidade e do saber coletivo, pois sua força está na continuidade da vida e na preservação da memória do povo. No Buri-Gameleira, a memória de figuras como Maria Sousa, rezadeira e parteira já falecida, e Honorina Belon, também rezadeira e curandeira, evidencia a importância feminina na preservação dos ritos e das práticas de cura. Da mesma forma, Maria Alice Santos de Jesus, ialorixá do Centro de Umbanda Renascer, representa a resistência religiosa afro-brasileira, reafirmando a fé e a identidade ancestral da comunidade. Como destaca Munanga (2001), as religiões de matriz africana cumprem papel essencial na reconstrução da humanidade negada ao povo negro escravizado, devolvendo-lhe dignidade e sentimento de pertencimento.

Além das práticas religiosas, as mulheres do Buri-Gameleira também ocupam espaços políticos e educacionais, fortalecendo o protagonismo feminino na comunidade. Angélica Maria, liderança comunitária e vereadora, e Irenilce Evangelista, professora da Escola Quilombola Manoel Belon, são exemplos dessa presença ativa. Ribeiro (2017) argumenta que o lugar de fala das mulheres negras é também um espaço de transformação social, pois sua atuação desafia as estruturas históricas de exclusão e afirma novos modos de liderança e representação.

As manifestações culturais do Buri-Gameleira, como o Bumba Meu Boi, o Samba de Roda Raízes do Quilombo, o Samba de Caboclo e a Queima da Lapinha, são expressões vivas da resistência e da continuidade da cultura afrodescendente. Moura (2006) destaca que a cultura quilombola é o lugar onde o passado se encontra com o presente, renovando os sentidos de pertencimento e liberdade. A tradição do Bumba Meu Boi, por exemplo, guarda histórias e elementos simbólicos que unem o sagrado e o profano, o trabalho e a celebração, reproduzindo, por meio da dança e da música, a memória de luta e sobrevivência do povo negro. O Samba de Roda Raízes do Quilombo, liderado por Angélica Maria, e o Samba de Caboclo, realizado no Centro de Umbanda Renascer, revelam a continuidade das expressões de fé, resistência e alegria coletiva. A Queima da Lapinha, realizada no Dia de Reis, representa outro importante rito de partilha, em que a comunidade se reúne para queimar as palhas dos presépios, renovando os votos de união e gratidão.

Essas práticas culturais, associadas à religiosidade afro-brasileira e às atividades agrícolas de subsistência, reforçam o vínculo entre identidade, território e ancestralidade. Diegues (2000) observa que as populações tradicionais mantêm uma relação simbiótica com o meio ambiente e com o sagrado, baseada na reciprocidade e na coletividade. Dessa forma, o território quilombola do Buri-Gameleira não é apenas um espaço físico, mas também um território existencial e espiritual, onde a cultura, a fé e a memória se entrelaçam

para afirmar a continuidade de um povo que resiste e se reinventa continuamente.

Assim, o referencial teórico que sustenta este trabalho compreende o quilombo como espaço de resistência cultural e política, onde a identidade é construída a partir da memória, da espiritualidade e das relações de solidariedade. A partir dos aportes de Nascimento (1980), Munanga (2001), Moura (2006) e Gomes (2017), é possível reconhecer no Buri-Gameleira um exemplo vivo da força da ancestralidade africana e da capacidade das comunidades quilombolas de se afirmarem como sujeitos de sua própria história.

7. Análise de dados

A análise dos dados foi realizada a partir da observação participante, de entrevistas semiestruturadas e de conversas informais com moradores da comunidade quilombola do Buri-Gameleira, no município de Pedrão (BA). O trabalho de campo buscou compreender, sob uma perspectiva etnográfica, como os moradores constroem, vivenciam e reproduzem suas identidades sociais e culturais, tendo como eixo principal a memória coletiva e os saberes tradicionais.

Os dados evidenciam que a comunidade se estrutura fortemente a partir das relações familiares e de vizinhança, sustentadas por práticas de solidariedade e reciprocidade. A agricultura de subsistência — especialmente o cultivo de mandioca, milho, feijão e fumo — continua sendo uma das principais atividades econômicas e simbólicas do grupo, não apenas como meio de sobrevivência, mas também como expressão de pertencimento e continuidade histórica. Conforme Diegues (2000), nas comunidades tradicionais, a terra é vista como um ser vivo, parte integrante da existência coletiva, e não apenas como fonte de produção. Essa visão se confirma no discurso dos moradores, que se referem à terra como “herança dos mais velhos” e “mãe que alimenta”.

Durante o trabalho de campo, observou-se que os espaços comunitários — como o galpão quilombola localizado na casa de Angélica Maria, o Centro de Umbanda Renascer liderado por Maria Alice Santos de Jesus, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda cuidada por Renilda Belon e Maria da Natividade Belon, e a Escola Quilombola Manoel Belon — cumprem papel central na articulação da vida social e espiritual do Buri-Gameleira. Esses espaços funcionam como verdadeiros “territórios de resistência” (MOURA, 2006), onde práticas de fé, memória e convivência se entrelaçam na preservação da cultura local.

As entrevistas apontaram também o papel fundamental das mulheres na organização da comunidade e na manutenção dos saberes tradicionais. Maria Sousa, rezadeira e parteira já falecida, é lembrada com grande respeito e carinho pelos moradores, que narram suas curas e atendimentos noturnos a gestantes e crianças doentes. Honorina Belon, também rezadeira e curandeira, foi outra figura essencial na vida espiritual e medicinal da comunidade. Segundo as narrativas, “ela rezava com ervas e fé, e ninguém saía da casa dela sem uma palavra de esperança”. Essas mulheres representam o que Gomes (2017) define como “guardiãs da ancestralidade”, pois transformam o saber cotidiano em uma forma de resistência simbólica e de preservação cultural.

No campo religioso, observou-se uma coexistência harmônica entre práticas do catolicismo popular e das religiões de matriz africana, evidenciando o sincretismo característico das comunidades quilombolas. O Centro de Umbanda Renascer, sob a liderança da ialorixá Maria Alice Santos de Jesus, é reconhecido como um espaço de acolhimento espiritual, mas também como ponto de fortalecimento da identidade afrodescendente. Munanga (2001)

destaca que as religiões afro-brasileiras, mais do que práticas espirituais, são mecanismos de reconstrução da dignidade e da humanidade negadas pela escravidão — aspecto perceptível nas falas e rituais observados no campo.

A dimensão cultural também se mostrou um elemento essencial na afirmação identitária da comunidade. Manifestações como o *Samba de Roda Raízes do Quilombo*, liderado por Angélica Maria, o *Samba de Caboclo* do Centro de Umbanda Renascer e a tradicional *Queima da Lapinha*, realizada no Dia de Reis, revelam a continuidade e a vitalidade das práticas culturais herdadas dos antepassados. O *Bumba Meu Boi*, trazido por gerações anteriores, é lembrado com saudosismo pelos mais velhos, que contam histórias sobre as grandes celebrações em que o boi, o vaqueiro e a catirina representavam a luta e a resistência do povo negro. Conforme Moura (2006), as festas populares em comunidades quilombolas cumprem papel político e educativo, pois “celebrar é também reafirmar a liberdade”.

No campo educacional, a Escola Quilombola Manoel Belon — antiga Escola 21 de Abril — surge como um importante espaço de formação cidadã e valorização da cultura local. Sob a direção da professora Irenilce Evangelista, a escola desenvolve projetos voltados à identidade étnico-racial e à história da comunidade, em consonância com as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tratam do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Essa valorização da ancestralidade no espaço escolar evidencia o que Freire (1987) denomina de “educação libertadora”, pois promove o reconhecimento de saberes populares e o diálogo entre diferentes formas de conhecimento.

Outro aspecto relevante identificado nas falas dos moradores é o papel da oralidade como instrumento de transmissão da história local. Pedro Belon, o mais velho da comunidade, é apontado como o principal narrador das memórias do Buri-Gameleira. Sentado à porta de sua antiga casa, ele conta aos mais jovens as histórias de Manoel Belon, o patriarca que teria comprado as terras com recursos próprios, e relembra os tempos de trabalho nos engenhos e plantações. Como destaca Benjamin (1994), o ato de narrar é uma forma de resistência à homogeneização da história, pois mantém viva a experiência e o sentido coletivo da existência.

Dessa forma, os dados coletados indicam que a comunidade quilombola do Buri-Gameleira constrói sua identidade por meio de práticas cotidianas que entrelaçam trabalho, fé, memória e cultura. A resistência se manifesta na preservação dos ritos, nas lideranças femininas e nas ações coletivas que asseguram a continuidade de um modo de vida profundamente enraizado na ancestralidade africana. Essa multiplicidade de expressões — religiosas, culturais e sociais — confirma o que Hall (2003) define como “identidade em movimento”: uma construção viva, que se renova a cada geração, mantendo o passado como guia para o futuro.

8.Considerações Finais

O Quilombo Buri-Gameleira, localizado no município de Pedrão (BA), revela-se como um território de resistência, memória e continuidade cultural. Mais do que um espaço geográfico, constitui-se em um campo simbólico de reconstrução identitária e afirmação étnica, onde o passado e o presente se entrelaçam em um processo contínuo de (re)existência. A pesquisa evidenciou que o quilombo não se limita à dimensão histórica, mas se mantém vivo nas práticas cotidianas, nas tradições orais e nos rituais que reforçam o sentimento de pertencimento coletivo.

As mulheres quilombolas emergem como protagonistas na preservação dos saberes ancestrais, reafirmando a centralidade feminina nas dinâmicas socioculturais da comunidade. Maria Sousa, já falecida, é lembrada como rezadeira e parteira cuja sabedoria curava corpos e confortava almas, sendo sua casa espaço de fé e acolhimento. Honorina Belon, também falecida, mantinha viva a tradição das rezas e benzeções, transmitindo práticas de cura e espiritualidade que fortaleciam os vínculos comunitários. Tais experiências reafirmam a visão de Gomes (2017), para quem o saber das mulheres negras é “um saber ancestral, construído na coletividade e enraizado na espiritualidade como forma de resistência e libertação”.

A presença de Angélica Maria, vereadora e liderança comunitária, simboliza a continuidade da luta política e a ampliação dos espaços de representação quilombola. Já Maria Alice Santos de Jesus, ialorixá do Centro de Umbanda Renascer, reafirma o papel das religiões de matriz africana como alicerces da identidade e da coesão social. No terreiro, entre cânticos e tambores, a comunidade reafirma sua ancestralidade e recria a espiritualidade como força de resistência — uma dimensão que Munanga (2001) define como “a retomada simbólica da humanidade negada ao negro escravizado, transformando o sagrado em lugar de dignidade e afirmação”.

Os espaços comunitários do Buri-Gameleira configuram-se como verdadeiros territórios de resistência: o galpão quilombola, localizado na casa de Angélica Maria, atua como ponto de encontro e articulação política; o Centro de Umbanda Renascer, sob a liderança de Maria Alice, preserva a religiosidade afro-brasileira e acolhe os que buscam equilíbrio espiritual; a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, cuidada por Renilda Belon e Maria da Natividade Belon, integra as manifestações de fé católica em harmonia com tradições africanas, expressando o sincretismo que caracteriza a cultura quilombola; e a Escola Quilombola Manoel Belon, antiga Escola 21 de Abril, é um espaço de educação libertadora, onde os saberes da terra e da tradição dialogam com os saberes formais.

A antiga casa de Pedro Belon, o ancião mais velho da comunidade, constitui-se em um espaço simbólico da oralidade e da memória. Ali, entre conversas à sombra das mangueiras, os jovens aprendem as histórias de seus antepassados e compreendem o valor do pertencimento quilombola. Como

observa Benjamin (1994), “contar histórias é compartilhar experiência; é manter viva a chama daquilo que o tempo insiste em apagar”.

No campo cultural, as manifestações populares do Buri-Gameleira, como o Bumba meu Boi, o Samba de Roda Raízes do Quilombo, o Samba de Caboclo e a Queima da Lapinha, demonstram a vitalidade e a continuidade das tradições afrodescendentes. O Bumba meu Boi, por exemplo, encena o ciclo da vida, da morte e da renovação — símbolos de fertilidade e resistência herdados das tradições afro-indígenas. O Samba de Roda, sob a liderança de Angélica Maria, e o Samba de Caboclo, do Centro de Umbanda Renascer, reafirmam a música e a dança como linguagens de identidade e espiritualidade. Já a Queima da Lapinha, realizada no Dia de Santo Reis, é um ritual que reúne a comunidade em torno das palhas dos presépios, unindo fé, memória e coletividade.

A agricultura de subsistência permanece como base da economia local e, simultaneamente, como expressão simbólica da relação entre o homem, a terra e o sagrado. A produção de mandioca e a fabricação artesanal da farinha envolvem práticas coletivas de trabalho e solidariedade, funcionando como espaços de convivência e transmissão de saberes. Conforme Diegues (2000), as comunidades tradicionais “mantêm uma relação simbiótica com o meio ambiente, mediada por conhecimentos transmitidos oralmente e vivenciados de forma coletiva”.

Em síntese, o Quilombo Buri-Gameleira é uma manifestação viva da resistência afro-brasileira. Nele, a luta por reconhecimento não se limita à dimensão jurídica, mas se expressa na manutenção das práticas culturais, religiosas e sociais que sustentam o modo de vida quilombola. Como argumenta Hall (2003), a identidade é sempre um processo em construção — um movimento dinâmico entre passado e presente, entre memória e ação. Nesse sentido, cada canto, cada reza e cada colheita são gestos de continuidade e transformação.

Preservar o Buri-Gameleira é preservar uma parte essencial da história negra no Brasil. É reconhecer que o quilombo não pertence apenas ao passado, mas é uma realidade em constante reinvenção — um espaço de resistência, sabedoria e esperança. Como diz o ancião Pedro Belon, sentado à porta de sua antiga casa, observando o cair da tarde:

“Enquanto o tambor bater, a reza subir e a farinha branquear, o Buri não morre. Porque o quilombo vive é dentro da gente.”

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, Théo. *Folgedos tradicionais*. Maceió: EDUFAL, 1961.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Décio. *Palmares: a guerra dos escravos*. Porto Alegre: Movimento, 1991.

GOMES, Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990.

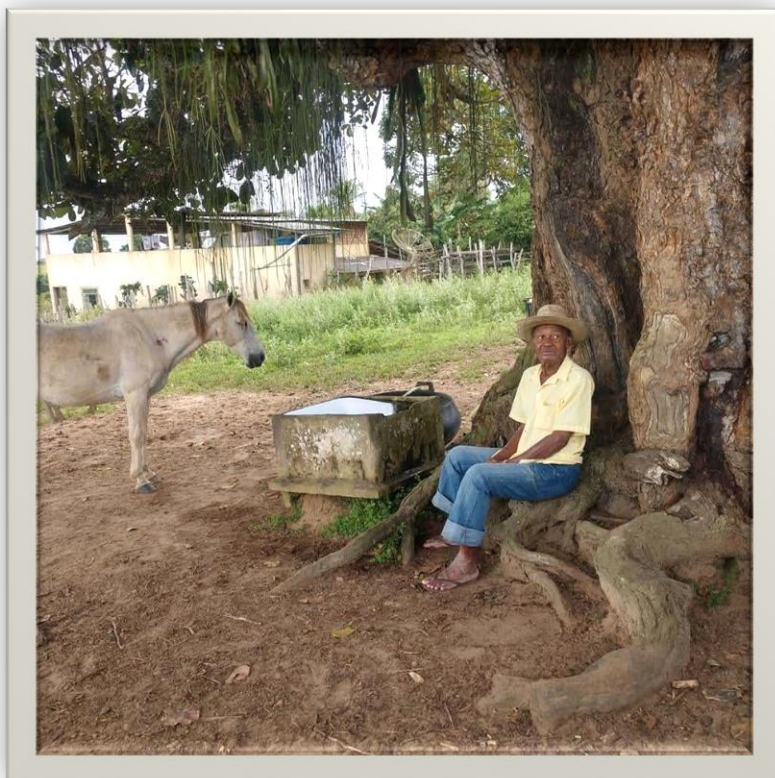
MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância panafricanista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1997. p. 15–35.

SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Anexo

1



2

¹ Senhor Pedro Belon ,o mais velho da comunidade.

² Samba de Roda Raízes do Quilombo.



3



4

³ Ialorixá Maria Alice Santos de Jesus

⁴ Professora, líder comunitária e vereadora Angélica Maria



5



6

⁵ Fachada da Capela Nossa Senhora da Ajuda

⁶ Fachada da Escola Manoel Belon